

UM BREVE OLHAR PARA A CRISE NA EDUCAÇÃO DO HOMEM

Luciana Rebousas Cardoso de Almeida ¹
Pedro Henrique Sena da Silva ²

RESUMO

O século XXI inicia a sua segunda década emoldurado por crises econômicas, bélicas, políticas e pela maior crise sanitária a nível mundial causada pelo vírus SARS-CoV-2. Estas situações críticas evidenciam que a origem das crises humanitárias se encontra na condição humana na qual a Educação é o ponto fulcral da crise e por onde as maiores crises são perpetradas na história da humanidade, colocando-nos sempre à beira de um retorno a mais completa barbárie. Este trabalho objetiva lançar um breve olhar para esse processo de crise da Educação que entendemos estar centrada no homem, no drama de sua condição de fragilidade evidenciada pelo filósofo Ortega y Gasset, isto é, a condição que facilmente se dirige para uma recaída na irracionalidade que o leva as mais terríveis crises humanitárias, transferido e sistematizado a um sistema de educação na qual o leva a produzir, transmitir e perpetuar um paradigma pedagógico em constante crise cuja permissividade possibilita a concretização do conceito e perspectiva que Hannah Arendt expressou ao identificar no julgamento do oficial nazista Eichmann a noção de uma banalidade do mal, contrapondo-se em determinada medida ao conceito kantiano de mal radical devido à gravidade das ações que culminaram no planejamento, logística e execução da Solução Final.

Palavras-chave: Crise, Educação, Formação, condição de fragilidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura lançar um breve olhar sobre a crise na Educação. Entende-se esta crise como oriunda da própria condição humana, isto é, do drama de saber-se humano e por isto mesmo apresentar uma configuração que é inerente a sua condição, ou seja, a condição de fragilidade. Neste sentido a causa do problema fica exposto antes mesmo de alcançar o âmbito político e social, pois a complexa natureza humana encontra-se entre o animal e o homem, de modo que ele precisa lutar para educar-se, entendendo que todo o processo pedagógico e de produção de conhecimento é antinatural, o que configura o seu drama permanente de nunca cessar o processo de educar a si mesmo para humanizando-se não vir a cair na animalidade. Devido a este fato, se faz necessário estarmos sempre reposicionando esta questão, reafirmando esta condição humana de fragilidade, sabendo que o

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – RJ, lurebousas@gmail.com;

2 Graduando pelo Curso de Letras Modalidade EAD da Universidade Federal Fluminense/ CEDERJ – RJ, phsena.galdino@gmail.com;

risco de cairmos na barbárie é sempre iminente, como presenciamos hodiernamente, a nível mundial, com o flagelo do COVID-19 que nos abateu e revelou o drama de nossa condição.

A grave crise viral pandêmica, que nesta segunda década do século XXI acomete toda a humanidade, com o vírus, o novo coronavírus, denominado de SARS-CoV-2, este sim, sendo o causador da doença chamada COVID-19, servirá a nós de moldura desta década, emoldurando aquilo que nos distingue de um lado enquanto humanidade e civilização, e do outro a mais atroz bestialidade e barbárie, ambas inerentemente ligadas à nossa condição de fragilidade, verdadeiro drama da condição humana.

Esta nossa condição de fragilidade, é caráter distintivo de tudo o que é próprio do humano, esta natureza frágil, tal como nos dirá Ortega y Gasset (2017, p.44) que tanto nos difere dos outros animais, e que por isso mesmo nos faz homem, nunca está assegurada. A condição humana não poderá ser entendida como condição do homem, como coisa imutável, ou seja, o homem nunca está pronto como homem. Há sim, uma condição humana, mas não condição de homem, o que este filósofo vai nos dizer é que há uma realidade humana, mas que existe apenas enquanto possibilidade, e que precisa ser alcançada para que haja um homem. E isto, é por essência o nosso drama, pois instante a instante corremos o perigoso risco de nos desumanizarmos, assim dizendo, de cairmos na bestialidade e barbárie.

Este drama humano, que concerne a toda humanidade, e que devido à forte virulência do vírus COVID-19, causou-nos de modo assombroso, o terrível agravamento e escancaramento dessa fragilidade humana, porém, indo mais além, a virulência expôs também a fragilidade do sistema democrático, de suas instituições públicas e privadas, sem isentar nenhum dos âmbitos e aspectos que arregimentam a vida humana em sociedade, seja ela política, econômica, social e cultural.

Entretanto, ao mesmo tempo que o vírus expõe as deficiências de cada uma dessas ordens, corremos o risco de distrairmo-nos com os efeitos desta grave crise sanitária daquilo que se refere a derrocada das instituições que citamos, sem enxergarmos que o vírus ruiu ainda mais a estrutura axiológica que fundamenta a vida política, social, econômica e cultural, que é a Educação. É o que há de mais revelador desta crise, a fragilidade da Educação, que está no fundamento de todas as instituições e que deflagra a produção da cultura e da formação para humanização.

A ameaça que se tornou flagelo e nos atingiu havia sido detectada em fins de dezembro de 2019 em Wuhan, na China, mas havia sido antecipada em 2007, em um artigo

publicado na revista *American Society for Microbiology*, intitulado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus as an Agent of Emerging and Reemerging Infection*, na qual os autores salientam que o consumo de animais exóticos, na China, poderia ser uma questão de tempo, uma verdadeira bomba-relógio para a disseminação do SARS-Cov³.

Os autores Lana et al. (2020) mencionam que haviam passados poucos dias de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmou a circulação do novo coronavírus. Em 16 de janeiro, começam as notificações da presença do vírus, primeiramente notificado em território japonês. Cinco dias depois, em 21 de janeiro, há a primeira notificação em solo norte americano. Em 30 de janeiro, a OMS afirma por meio de declaração oficial que a epidemia é uma emergência internacional (PHEIC).

Devido a velocidade de propagação da doença, ao final do mês de janeiro, diversos países começam a notificar os casos da doença. Em território brasileiro não havia nenhum registro de casos confirmados; eram de conhecimento a suspeita de 9 casos que estavam em investigação. Rocha et al. (2022) vai evidenciar que a primeira detecção confirmada e notificada em território nacional, do primeiro caso ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo; onze dias após a primeira notificação, foi registrado no Rio de Janeiro a primeira detecção da doença.

Com a disseminação de casos da doença, como medida de contingência nesse cenário, no dia 13 de março de 2020 foi reconhecido, no Estado do Rio de Janeiro, a necessidade de se dispor de medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública decorrente do coronavírus, as quais incluíram o isolamento social e investigações epidemiológicas. Tais medidas se mostraram necessárias para a contenção dos danos causados pela pandemia à população, refletido no número de óbitos por causa específica da COVID-19, tendo em vista que havia o risco da demanda por atendimento de saúde em UTIs e enfermarias superarem a capacidade de atendimento do Sistema Único de Saúde, o SUS. (ROCHA et al., 2022).

Segundo os dados apresentados pelo Ministério da Saúde, a partir das notificações e dos gráficos fornecidos pelo banco de dados do DATASUS, atualizado até o dia 28 de junho

³ O vírus SARS-Cov foi identificado no ano de 2003 em animais. Habitando no organismo dos mesmos, mas que poderia ser transmitido para humanos em contato com os aqueles. Em 2005 houve um surto epidêmico, com origem em Guanddong, na China, que veio a se disseminar por 26 países ao todo, com mais de 5 mil casos confirmados. O coronavírus, chamado COVID-19, pertence à família do SARS-Cov.



de 2022, registra-se uma alta taxa de pessoas, i.e., seres humanos que foram a óbito, num total de 670.848; considerada a nossa maior crise sanitária brasileira⁴.

O agravamento da disseminação do COVID-19 se deu de forma semelhante a capacidade de contágio do vírus pelas *Fake News*, assim como o avassalador *negacionismo* político e social das lideranças e de parte dos indivíduos componentes da sociedade que puseram em descrédito a Ciência e toda produção científica destinada a investigação para contenção viral. Durante este período, tal como Ortega y Gasset comenta, a nossa situação dramática agrava-se, escalonando o risco iminente de nos desumanizarmos, alcançando um outro patamar do processo de desumanização.

Até o ponto em que foi alcançado o sucesso de frear o número de infecções, de internações e, principalmente de óbitos devido a letalidade do SARS-CoV-2, com a produção, distribuição e vacinação em massa, o vírus já havia realizado seu objetivo. O vírus, ou a peste, já havia evidenciado a condição humana, a condição de fragilidade, e posteriormente a esta, expos a fragilidade daquilo que pode nos assegurar da barbárie que é a Educação.

METODOLOGIA

Este trabalho é concebido pelo método hipotético-dedutivo, pela qual percebe-se um espaço crítico por onde as crises contemporâneas emergem. As situações de crise, como as políticas, sociais e sanitárias, dão-nos visibilidade do caos e da crise em que se encontra a educação e formação dos indivíduos, o que reverbera nas instituições políticas, sociais e educacionais, tanto privadas quanto públicas, por seus responsáveis serem fruto de uma Educação e Formação crítica e que destina-se a perpetuação através da formação dos indivíduos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

⁴ A Fiocruz em 17 de março de 2021 divulgou na edição do Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 Fiocruz, analisando os indicadores que apontam e determinaram a situação crítica do país como a maior crise sanitária da história do Brasil. Site: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>.

Nosso processo histórico, enquanto humanidade faz-nos deparar com a crueza da vida humana e de nossas sucessivas crises, tanto aquelas que passamos e aquela que ainda vigem e vigoram, visto as inúmeras crises geopolíticas que deflagraram conflitos armados em todo globo terrestre, em especial aquele de maior destaque neste século, o conflito entre Rússia e Ucrânia por questões de disputas político-territoriais.

É preciso trazer a luz aqueles conflitos esquecidos como a guerra civil pela qual o Iêmen passa e que dura oito anos, com 233 mil mortes registradas, incluindo 131 mil por causas indiretas, como falta de alimentos, serviços de saúde e infraestrutura. Mais de 10 mil crianças morreram como consequência direta dos conflitos na região; a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica o Iêmen como a pior situação humanitária do mundo. Os brutais assassinatos de cristãos na Nigéria, noticiados pela Gazeta do Povo, em que relata que mais de 11,5 mil cristãos foram assassinados no país desde 2015, reportado pela *Genocide Watch*, cujos responsáveis pelas mortes são terroristas islâmicos do Boko Haram (Estado Islâmico). O recente golpe militar ocorrido em Mianmar, após a antiga líder do país Aung San Suu Kyi⁵, ter se aliado aos militares para realizar a limpeza de uma minoria étnica no país, os *rohingyas*, que são muçulmanos. Assim como a guerra civil na Etiópia, que foi iniciada muito antes do conflito russo-ucraniano que já conta com milhares de pessoas refugiadas indo para o Sudão.

Somado as essas sucessivas crises e conflitos, temos concomitante a elas a atuação do vírus, acentuando a gravidade da situação humanitária, mas ainda apesar de todos os crimes, não ultrapassando o ocorrido como Holocausto, apesar das barbaridades e crimes cometidos; as situações de conflito e crises vão renovando o processo de saturação até a iminência de um novo ocorrido como aquele.

Essa realidade assustadora de estarmos sempre próximos de recidiva que pode nos levar novamente a massacres como o Holocausto, transparece na obra inúmeros pensadores, dentre as quais Theodor W. Adorno, que ao proferir uma palestra em 1965, intitulada *Educação após Auschwitz*, vindo a resultar em um texto publicado dois anos após o pronunciamento de sua palestra, em 1967, propõe logo de início, de modo categórico.

A exigência de que Auschwitz não se repita é primordial em educação. Ela precede tanto a qualquer outra, que acredito não deva nem precise justificá-la. Não consigo entender por que se tem tratado tão pouco disso até hoje. Justificá-la teria algo de monstruoso ante a monstruosidade do que ocorreu. Que se tenha, porém, tomado tão pouca consciência em relação a essa exigência, assim como dos interrogantes que ela suscita, mostra que as pessoas não se compenetraram do monstruoso sintoma de

⁵ Que ficou presa durante 15 anos, vindo a vencer o prêmio Nobel da Paz em 1991, quando estava em prisão domiciliar.



que a possibilidade de repetição persiste no que concerne ao estado de consciência e inconsciência destas. Qualquer debate sobre ideias de educação é vão e indiferente em comparação com este: que Auschwitz não se repita. Aquilo foi a barbárie, à qual toda educação se opõe. Fala-se de iminente recaída na barbárie. Mas ela não é iminente, uma vez que Auschwitz *foi* a recaída; a barbárie subsistirá enquanto perdurarem, no essencial, as condições que produziram aquela recaída. Esse é que é todo o horror. (ADORNO, 1995, p.104)

Passados 77 anos da descoberta dos crimes cometido em Auschwitz, somando todos os judeus mortos entre 1939 e 1945, chegamos a números próximos de nove a dez milhões de pessoas; e 57 anos da palestra proferida por Theodor W. Adorno, o que podemos constatar é que falhamos em pensar, em planejar e em executar, i.e., pôr em prática uma Educação cuja formação nos lembre de nosso drama humano, do risco de desumanizarmos, do risco de cairmos novamente de realizarmos a mesma ou mesmo uma barbárie ainda maior que Auschwitz, por este motivo uma consciência se faz necessária a de que a formação deve voltar-se para esta nossa condição de fragilidade, para a tal ponto nos humanizarmos e assim alcançarmos uma educação após Auschwitz.

Entretanto, não alcançando aquele pensamento de Adorno, seria difícil pensarmos numa educação pós pandemia. A humanidade flerta e, parece por vezes aspirar a barbárie que já infeccionou todo corpo social, que sobrecarregado encontra-se incapaz de lidar com qualquer ameaça, neste caso, uma ameaça biológica que para sua contenção necessite de uma sociedade que compreendeu o seu terrível drama, de que a sua humanidade, a sua civilização, não é condição do homem, mas sim conquista, luta árdua e milenar de acúmulo e revolução de conhecimentos da qual somos herdeiros a que chamamos de tradição.

A formação educacional dos indivíduos de nossa sociedade, todavia, é dada de um modo habitual; a educação é tomada como um processo de ações metodológicas protocolares, configurando assim a existência e manutenção de uma metodologia meramente protocolar. Passa assim, a Educação a ser mais um procedimento burocrático objetivando a automatização dos processos de formação pedagógica. O regimento interno, as normas protocolares de procedimento metodológico passam a constituir o processo de Educação humana, destinada a aquisição de saberes disciplinares distintos incapazes de articulação entre si, e sem relação com a realidade, pois voltam-se apenas para a solução de questionários em que o educando utiliza o recurso da memória apenas para guarda dados, informações de determinados assuntos obrigando-o a responder essas questões de forma tal pontual, tão objetiva que ele é incapaz de a partir desses dados elucubrar um raciocínio ou mesmo articular esse dado com outros dados de distintas disciplinas que alcem aquelas informações já



adquiridas à construção de um saber, de uma linha de pensamento, raciocínio ou mesmo uma visão, isto é, um panorama da qual ele de forma crítica consiga expor.

A distância que tomamos da construção de um saber, da construção de uma formação genuína, nos afasta da possibilidade de humanizarmos. Afastamo-nos do fragmento 40 de Heráclito de Éfeso que com sua agudeza já nos alertava que “Muito saber não traz (ensina) sabedoria” e mesmo naquilo que Michel de Montaigne (1533-1592), anos mais tarde vai dizer, e da qual o sociólogo Edgar Morin (1921-), oportunamente, endossa como proposta teórica de pensar a Educação, a de que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”.

Edgar Morin, colocará a questão do acúmulo de saberes, como uma das mais importantes de seu pensamento sobre educação, pois evidencia que os saberes humanos acumulados por longos milênios estão fragmentados, de forma que acabam produzindo um indivíduo que “fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional”. Essa problemática já havia aparecido, em Mikhail Bakhtin (1895-1975) no breve texto *Arte e responsabilidade*, em que o autor comenta a mecanicidade antinatural, presente no homem, cujo fim acaba alcançando Educação, tornando-a fragmentada e que persiste ainda hodiernamente, e na medida em que a fragmentação se acentua a condição de fragilidade da condição do homem aumenta, concomitantemente.

É, pois, devido a mecanicidade da formação do indivíduo com a ciência, arte e vida que vai se situar a problemática da negligência do viver, da cultura e do modo de vida que busca sempre humanizar-se, que ele contribui na manutenção e revitalização do *status quo* desse paradigma hegemônico pedagógico, a de uma Educação frágil e mecânica que continua sendo transmitida, atuando largamente de forma coercitiva em todos os aspectos e âmbitos da vida individual e de toda sociedade, formando indivíduos incapazes de darem conta, criticamente, dos problemas da vida humana, tanto daqueles referentes a sua vida íntima, sua vida interior, quanto aqueles que abrangem toda a sociedade, i.e., na convivência com outros indivíduos.

No Brasil, no ano de 1977, Darcy Ribeiro na 29ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), pronuncia sem saber que nos legaria uma frase que é mais do que uma constatação, mas uma verdadeira evidência científica: “Em consequência, a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, *não é uma crise, é um programa*. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” (SILVA; MUZZETI, 2017 apud RIBEIRO, 1986, p. 20).



Naquela ocasião, Darcy denuncia a situação pela qual a Educação brasileira passava naquele momento, evidenciando a derrocada do ensino, entendida por ele não como uma situação cuja causa devia-se às crises econômicas ou estruturais que acometiam e ainda acometem o país. E o que vemos no momento atual é parte do que vigora desse programa, que mesmo após mais de quatro décadas do seu comentário é inegável dizer que o programa obteve sucesso na sua execução e concretização, e os resultados alcançados podem ser identificados.

A grave crise sanitária vivida e suas consequências terríveis relacionam-se intimamente com a derrocada da Educação que condiciona o escalonamento da fragilidade da formação humana. Os escândalos constantes de corrupção em todos os setores institucionais do Governo brasileiro, e dos consórcios com o setor privado; as intensas disputas entre as coligações partidárias e entre os Poderes pelo controle ou manutenção do poder constituem a derrocada da Educação, sendo então a sua maior evidência de fragilidade.

Pela ótica da filósofa Hannah Arendt, identificamos na presença desses casos criminosos duas características. A presença do mal e a capacidade ou mesmo propensão que o homem possui para a prática deste mal e a crise que permeia a Educação e a Formação humana devido a fragilidade, não mais somente do humano, mas da qual estas duas perpetraram na civilização e cultura do século XXI. O mal para a filósofa aparece tanto como mal radical, conceito kantiano que ela não abandona, mas que ela vai identificar a partir deste mal radical, um outro, um mal subterrâneo e negligenciado e, por este motivo, ela vai usar a expressão *banalidade do mal*.

Arendt, nunca abandonou a ideia de “mal radical”, como insistem em dizer seus detratores, mas o uso da expressão *banalidade do mal*, foi empregado para nomear o que ela presenciou durante o julgamento de Eichmann, daquele perfil de homem e de um outro perfil de mal ligado a esse. Não se trata de qualificar em graus o mal, como se esse último fosse menor que o mal radical, pois seria impossível dizer que o Holocausto e os outros crimes contra a humanidade foram frutos de um mal menor, mas que condição, ou melhor, disposição para o mal aparece oriunda de uma intrincada incapacidade de pensar, unida à realização burocrática das tarefas e afazeres de modo automático em todos os âmbitos da vida e do conhecimento.

Quando ela fala de Eichmann, no livro intitulado *Eichmann em Jerusalém*, com o subtítulo *Um relato sobre a banalidade do mal*, seu argumento contraria toda expectativa que

se fazia de que ele seria um homem atroz, com uma mente maligna, contrapondo o senso comum de mal, Arendt evidencia o mal comum e próximo de todo ser humano.

Eichmann não era nenhum Iago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua mente do que a determinação de Ricardo III de “se provar um vilão”. A não ser por sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação. E essa aplicação em si não era de forma alguma criminosa; ele certamente nunca teria matado seu superior para ficar com seu posto. Para falarmos em termos coloquiais, ele *simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo*. (ARENDR, 2017, p. 310)

Arendt expõe um tipo de homem que apesar da educação formal, é incapaz de fazer uso da faculdade do intelecto, assim como aquilo que já falamos de Ortega y Gasset, quanto ao ensimesmar-se, de aprofundar em si mesmo e pensar. Eichmann era um homem que era isento de formação que o dispusesse a pensar; a ensimesmar-se a fim de extrair de si sua humanidade. Este fato é difícil de conceber, de que um homem seja incapaz de pensar, de ensimesmar-se e sentir-se capaz de se empatizar a ponto de considerar a si mesmo e o outro enquanto seres humanos.

O homem formado por uma educação humana frágil dá origem e carrega consigo a possibilidade da consubstanciação deste mal, i.e., de sua realização; o mal irrefletido e afeiçoado a procedimentos protocolares de execução, ligados a normas que inviabilizam o contraditório, aparece presente na Educação que irá proporcionar a formação pedagógica e humana pela qual passamos, afetando tanto educadores quanto os educandos, isto porque, a sua presença é como já dissemos, subterrânea, imperceptível.

Este mal somente aparecerá quando em ato, sendo identificado tarde demais, como foi visto terrivelmente presente no século XX, na ação de homens que compunham todas as instâncias do governo nazista e com o apoio da população alemã, com os líderes otomanos que perpetraram o genocídio armênio, ou mesmo com o regime comunista, cada um responsável por barbáries terríveis, por crimes contra a humanidade; sem nos esquecermos das brutalidades bárbaras do imperialismo das nações europeias e americanas em países do continente africano e asiático. A educação humanizada seria a forma de que o homem pode dispor de se precaver, de cuidar de si mesmo e do outro, a ponto de que ele não seja seduzido, e por isso, subjugado por este mal impensado, por esse motivo subterrâneo.

A crise da educação é um processo, que se acentua no século XX e culmina hodiernamente com mais gravidade no nosso século, desse longo processo que perpassa não

somente o plano de políticas públicas para a Educação, ela atravessa todas as relações, em especial aqueles referentes ao âmbito da vida íntima do homem, aquilo que Ortega y Gasset chama de *ensimesmar-se*, de se ir para dentro de si.

O homem pode, de vez em quando, suspender sua ocupação direta com as coisas, desprender-se de seu redor, deligar-se dele e, submetendo sua faculdade de prestar atenção a uma torção radical — incompreensível zologicamente —, voltar-se, por assim dizer, de costas para o mundo e meter-se dentro de si, prestar atenção à sua própria intimidade ou, em outras palavras, ocupar-se de si mesmo e não *do outro*, das coisas. (ORTEGA Y GASSET, 2017, p.36)

Compreendemos estas palavras naquilo que Ortega y Gasset, vai dizer que chamamos de operação de pensar, meditar, e quem sem ela, caímos na expressão e no conceito de banalidade do mal de Arendt. Somos herdeiros desses crimes, assim como do crescente avanço tecnológico que esses horrores produziram, de modo que para Leitão estes fatos têm modificado não apenas o modo como os indivíduos veem o mundo e de sua relação com ele, mas em especial, com elas mesmas. Ao longo do século XX e começo do XXI, isso tem influenciado a reflexão de vários pensadores sobre o que é o homem, o conhecimento ou a técnica e, como esse homem se produz ao produzir tecnologia, arte, cultura e pensamento. Quer dizer, como o ser humano vai se dando no mundo e se reconhecendo como tal, a partir das suas próprias invenções.

Educar-se para se humanizar e, humanizando-se exercitar seu pensamento para sobreviver e bem viver, mas tendo sempre bem à vista o drama de sua condição, esta fragilidade que o faz ter sempre em mente que qualquer palavra e ação pode deflagrar uma saturação e uma recidiva que pode acabar culminando novamente à barbárie conduzida pela banalidade do mal, devido a uma formação que não privilegia o pensar, o ensimesmar, a cultivar uma vida intelectual e do espírito; uma vida que não se deixa levar pelo automatismo e pela metodologia protocolar pedagógica que tantos educadores tem perpetuado e inoculado sem saber em seus educandos este mal banal, mal subterrâneo, na vida do indivíduo.

Nietzsche para ele, os educadores eles mesmos deveriam ser educados, formados pelo cultivo de uma reflexão madura de sua vida espiritual e racional para que pudessem educar. Em suas palavras “Faltam os educadores, fora as mais raras exceções, a *primeira* condição para a Educação”. Fica claro que a crise da Educação perpassa este aspecto, a incapacidade de forma-se, de voltar-se para dentro de si é uma constatação que recai novamente na ideia que Arendt fala de banalidade do mal, quando ela diz sobre a postura e



disposição de Eichmann para esse mal aparece “num nível estritamente factual, apontando um fenômeno que nos encarou de frente no julgamento”. Um homem que não “pudessem toldar inteiramente a realidade de sua própria morte. Essa distância da realidade e esse desapego podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos-talvez inerentes ao homem; essa é, de fato, a lição que se pode aprender com o julgamento de Jerusalém”. (ARENDDT, 2017, p. 311)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, cabe não primeiramente às políticas públicas, mas a responsabilidade primeira recai sobre cada indivíduo da sociedade, em especial aos educadores. Reconhecer o nosso drama de constante risco de queda, assim como a condição natural do homem a de ser frágil, é o que deve constituir o primeiro passo para que haja uma formação verdadeiramente humana, sabendo que a salvaguarda da Educação e Formação é esse encaminhamento que requer sempre do homem o ato de pensar, de ensimesmar-se para pôr fim vir a humanizar-se, enquanto distancia-se cada vez mais do mal, seja o mal radical, quanto o pior mal, o mais sorrateiro que é este mal subterrâneo que Arendt chama de banalidade do mal.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T W. Palavras e sinais: modelos críticos 2. – Petrópolis, Rio de Janeiro: **Vozes**, 1995.
- ARENDDT, H. Eichmnam em Jerusalém. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2017.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 6ª. ed. – São Paulo: **WMF Martin Fontes**, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>> Acesso em: 29/06/2022.
- BRASIL. **Observatório Covid-19. Boletim extraordinário.16 de março de 2021**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>> Acesso em: 25 de junho de 2022.
- CHENG, V C. C, LAU, S K P. WOO, P C Y. YUEN, K Y. Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus as an Agent of Emerging and Reemerging Infection. American Society for Microbiology. **Journals Clinical Microbiology Reviews**. Vol. 20, n. 4, october, 2007.



LANA, R M; COELHO, F C; GOMES, M F C; CRUZ, O G; BASTOS, L S; VILLELA, D A M; CODEÇO, C T. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cad. Saúde Pública**, 2020.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 21. ed. – Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2014.

NIETZSCHE, F W. Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo. 1ª. ed. – São Paulo: **Companhia de Bolso**, 2017.

ORTEGA Y GASSET, J. O homem e os outros. – Campinas, São Paulo: **Vide Editorial**, 2017.

ROCHA, L. C., SARTORI, L. F., PEREIRA, M. F. I., SOUZA, M. V. de, LIMA, R. A. S. M. de, & RODRIGUES JUNIOR, A. L. (2022). Estudo descritivo da mortalidade por COVID-19 segundo sexo, escolaridade, faixa etária, região de saúde e série histórica: Estado do Rio de Janeiro, janeiro de 2020 a agosto de 2021. Rio de Janeiro. In **SciELO Preprints**, 2022.

SILVA, M J; MUZZETI, L R. Educação brasileira: Projeto de uma crise. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 223-243, maio/ago. 2017.